

RESISTÊNCIA AMERÍNDIA E ESTRATÉGIAS DE PRODUÇÃO DE VIDA: CONTEXTO HISTÓRICO E TEMPOS DE COVID-19¹

Sandra Bomfim de Queiroz ²
Ivan França Junior ³
Diego Madi Dias⁴

INTRODUÇÃO

Os processos de resistências dos diversos povos indígenas se intensificam em tempos pandêmicos. As vulnerabilizações impetradas por políticas públicas ou sua ausência mais uma vez evidenciam a problemática no campo da saúde, ao longo da Guerra dos 500 anos. As estratégias de produção de vida ameríndia se apresentam no confronto histórico com a colonialidade⁵ e suas necropolíticas⁶ durante uma guerra entre índios e não indígenas, que já dura mais de 500 anos, nas américas, especialmente no Brasil.

No *front*, os tempos de Covid-19 e a visibilidade sem precedentes da vulnerabilização dos povos indígenas brasileiros que continuam seus processos de resistência, diante de mais uma epidemia. As políticas do Estado brasileiro de enfrentamento à crise sanitária não contemplaram de forma satisfatória as demandas sociais e de saúde das diversas etnias do nosso território.

A problemática de pesquisa, aqui delimitada, parte do imaginário social sobre os povos indígenas relacionado à vitimização, à incapacidade, à necessidade de tutela, à existência em extinção, ao distanciamento geográfico e aos processos identitários enfraquecidos pelo contato com os não indígenas. O resultado parcial apresentado aqui é um recorte da minha pesquisa de doutoramento, no Programa de Pós-graduação da Faculdade de Saúde Pública - FSP da Universidade de São Paulo - USP. O objetivo da pesquisa ampla é entender a

¹ Resultado parcial de pesquisa de doutoramento com bolsa da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES do Programa de Excelência Acadêmica - PROEX da Pós-graduação da Faculdade de Saúde Pública - FSP da Universidade de São Paulo - USP.

² Doutoranda da Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo - USP, sandra.uncisal@usp.br

³ Professor Doutor da Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo - USP, ifjunior@usp.br

⁴ Professor Doutor da Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo - USP, diegomd@usp.br

⁵ Conceito desenvolvido por Aníbal Quijano (1997), compreendido como um fenômeno histórico e cultural que tem sua origem no colonialismo, mas que se mantém após a experiência colonial.

⁶ Conceito criado em 2003 pelo filósofo camaronês Achille Mbembe, descreve como, nas sociedades capitalistas, os governos administram a morte. Sua reflexão vem atualizar a discussão de Foucault sobre a prerrogativa do Estado na decisão de quem deve viver e quem deve morrer (biopolítica).

relacionalidade entre a resistência, a produção de cuidado e sonho entre os Katokinn, no Alto Sertão Alagoano, no nordeste brasileiro. Os resultados parciais apresentados aqui foram obtidos a partir de uma revisão exploratória da literatura, que permitiu conhecer aspectos históricos e conjunturais dos povos indígenas no Brasil. É nesse contexto que procurar a visibilidade do protagonismo e capacidade de produção de vida ameríndias se torna urgente e necessário, no sentido da desconstrução desse imaginário. Ao tempo em que se procura uma ancoragem conceitual nesse processo.

Entender o crescimento recente das populações indígenas ajuda na desconstrução de um imaginário social de fragilidade e inicia a visibilização do protagonismo histórico. Pelo menos 350 milhões de pessoas em todo o mundo são consideradas indígenas e a maioria dessas pessoas vive em áreas remotas do mundo. Os povos indígenas são divididos em pelo menos 5000 etnias diferentes, com presença e imensa diversidade ao redor do planeta. Desde a época da colonização no continente americano, os povos indígenas resistiram à invasão e à opressão e mantiveram uma luta contínua pela igualdade (Dudgeon et al., 2014).

Diversos fatores e contextos sociopolíticos têm estimulado os debates sobre a produção de dados demográficos e epidemiológicos acerca dos povos indígenas, seja no Brasil, na América do Sul ou no plano global (Santos, 2016). Desse modo, esforços no sentido de reverter a “preocupante invisibilidade demográfica e epidemiológica” (Coimbra & Santos, 2000, p. 125) dos povos indígenas fazem parte dos debates no plano de agendas internacionais voltadas para a redução das iniquidades com base no recorte étnico-racial.

O quantitativo de pessoas indígenas no Brasil, conforme o censo demográfico desatualizado, seria de menos de 1% da população brasileira. Existe, contudo, uma tendência significativa de aumento, através da autodeclaração. Observa-se um crescimento demográfico de 294 mil em 1991 para 734 mil em 2000 entre os povos indígenas do país (CELADE, 2017, p. 224)⁷.

É conveniente salientar que os processos de invasão territorial, de genocídio e de etnocídio, não tiveram fim e vêm assumindo formas distintas, mas continuam presentes. Esse cenário promove tensões constantes, pois o crescimento demográfico e o uso das terras indígenas não se alinham com os interesses neoliberais no campo das monoculturas e dos processos de

⁷ Este documento foi elaborado pela Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (CEPAL), através do Centro Latino-Americano e Caribenho de Demografia (CELADE)

mineração predatórios, comedores da terra, como tem enfatizado Ailton Krenak⁸ (2019).

Um exemplo é a presença da mineração e agronegócios predatórios, situações em que as invasões territoriais continuam, e encontramos, ainda, a utilização da força de trabalho dos povos indígenas em regime análogo à escravização. A pandemia intensificou o garimpo ilegal na Amazônia. Uma pesquisa realizada pela Fiocruz (2016) revelou que 56% da população Yanomami apresenta um índice de mercúrio acima do limite estabelecido pela Organização Mundial da Saúde, em alguns casos acima do limite de tolerância biológica do corpo humano.

E é exatamente nesse contexto de guerra, que a resistência implica em produção de vida, como um dos resultados alcançados diante da colonialidade, do genocídio, da escravização, dos suicídios, dos racismos, do eugenismo e do higienismo do Estado brasileiro, por mais de cinco séculos, em meio às necropolíticas. Os resistentes compõem 305 povos indígenas do Brasil, com uma população estimada em, aproximadamente, 350.000 pessoas, segundo a Revista Brasileira de Estudos Populacionais (2016).

E faz-se necessário refletir sobre a saúde no âmbito da resistência. A área de saúde indígena contribuiu para os debates sobre focalização versus universalização das políticas sociais, conforme o referencial conceitual da equidade como um dos pilares do Sistema Único de Saúde (SUS) no Brasil. Garnelo (2012) situa a lógica colonial e integracionista, que estigmatiza segmentos da população como forma de manutenção do projeto nacional e do poder tutelar, como um aspecto que ainda permeia a promoção de direitos e cidadania.

Garnelo (2012) salienta que no caso das minorias étnicas, embora a cidadania represente um direito e um tipo de proteção social, ela também pode significar uma forma de homogeneizar o mundo indígena aos modos de vida da sociedade nacional, podendo induzir à adoção de valores e comportamentos do grupo social hegemônico em detrimento da diferenciação étnica.

No intuito de contribuir com a superação da lógica colonial, podemos identificar uma lacuna no conhecimento das realidades específicas envolvendo as condições de saúde e seus determinantes em diferentes etnias que vivem no Brasil. Dentre as várias perspectivas de

⁸ Ailton Krenak, líder indígena, ambientalista, filósofo, poeta e escritor, considerado uma das maiores lideranças do movimento indígena brasileiro, com reconhecimento internacional.

produção no campo da interseção entre saúde indígena e etnologia, buscamos um espaço de reflexão para um investimento na superação da colonialidade dessa relação, tendo como categoria central a resistência.

Apresento a aldeia Katokinn, localizada em Pariconha, e algumas questões históricas, com base em dois trabalhos etnográficos, de Siloé Amorim (2010, 2020)⁹ e de Cyril Menta (2017)¹⁰. Descendentes dos Pankararu do Brejo dos Padres, os Katokinn migraram para Alagoas no que o pesquisador Maurício Arrutti (1997) chama de *viagens de fuga*: migrações de grupos familiares em função das perseguições, dos faccionalismos, das secas ou da escassez de terras de trabalho. A partir de 1998 apareceram no cenário étnico-político como índios resistentes, com o respectivo etnônimo¹¹. Na socialidade indígena nordestina se apresenta um elemento importante é o entendimento desses povos como nem ressurgentes, nem reemergentes¹² mas como povos *resistentes*.

OBJETIVOS

Refletir sobre a resistência como uma categoria analítica potente para a compreensão das estratégias de produção de vida ameríndia em contexto histórico intensificado pelos tempos pandêmicos, no Brasil. E compreender o protagonismo histórico indígena, principalmente no nordeste com os processos de etnogênese, enquanto resistência e estratégias de produção de vida.

MÉTODO

A resistência indígena é objeto de estudo explorado numa perspectiva teórica metodológica que promove uma relação não hierárquica entre as epistemologias indígenas e acadêmicas, considerando a produção científica ameríndia como forma de protagonismo no cenário contemporâneo, como forma de minimizar a colonialidade na pesquisa e na academia.

O processo metodológico se pautou em uma revisão da literatura exploratória, no campo da etnologia ameríndia, com ênfase na produção sobre o nordeste brasileiro, o Brasil e as

⁹ Tese de doutorado *Os Kalankó, Karuazu, Koiupanká e Katokinn – Resistência e ressurgência indígena no Alto Sertão alagoano*, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul/UFRGS em 2010 e artigo dela decorrente.

¹⁰ Tese de Doutorado em Anthropologie Sociale - École des hautes études en sciences sociales. *Peuplements: transmission de rituels des indiens Pankararu aux indiens Pankararé, Nordeste du Brésil*; 2017;

¹¹ Do grego *étnos*, «povo; raça» + *ónyma*, nome que designa coletivamente uma casta, tribo, etnia, povo, etc.

¹² Não adoto neste trabalho essas definições como sinônimas, devido ao movimento político de requalificação desse processo, pelas lideranças dessas etnias.

Américas. Além da produção teórica de autoria indígena e no campo da saúde coletiva, não tendo necessidade de submissão ao sistema CEP/CONEP.

O sistema de busca foi guiado com base na produção teórica alinhada com a superação da colonialidade e de produção de resistência em meios aos conflitos históricos ameríndios na Guerra dos 500 anos. O outro critério foi buscar uma produção teórica que pudesse contextualizar a resistência ameríndia considerando aspectos históricos até os tempos pandêmicos. O resultado preliminar apresentado sobre a categoria resistência foi delimitado e será aprofundado através de um vivência etnográfica junto aos Katokinn, no decorrer do doutoramento.

RESULTADOS

Resistência como categoria analítica potente.

A resistência indígena nas Terras Baixas da América do Sul tem sido o resultado do processo de enfrentamento das intensificações das iniquidades sociais e em saúde, mais especificamente, em tempos de Covid-19.

A produção de saúde indígena se encontra em um contexto de superação da colonialidade, com a resolução dos conflitos de terra e respeito às diferenças. A saúde sendo pensada como estratégias de produção de vida no plano da produção de cuidado como consequência de processos de resistências políticas

CONCLUSÃO

Pensar à luz da diferença, significa reconhecer a responsabilidade do projeto nacional no fim de tantos mundos, ousar para além da certeza epistêmica e da segurança ontológica, como inspira Denise Ferreira (2019). E falando em fim do mundo, Davi Kopenawa ressalta a agência indígena protagonizando um movimento de enfrentamento ao garimpo no território do líder Yanomami, além de continuar evitando a queda do céu.

Na perspectiva de pensar o protagonismo ameríndio, a resistência surge como categoria analítica tendo como base a literatura, principalmente sobre os índios nordestinos. O contexto de reorganização étnica, após séculos de dispersão e perseguições, tem sido abordado pela etnologia ameríndia como processo de ressurgência ou etnogênese, ou resistência como preferem os Katokinn e outras etnias no nordeste.

Palavras-chave: População Indígena; Resistência; Saúde; Covid-19; Colonialidade.

AGRADECIMENTOS

À Nina Cacique dos Katokinn, por ser uma guerreira

REFERÊNCIAS AMORIM, S. S. *Resistência e Ressurgência indígena no Alto Sertão alagoano*. Maceió: **Iphan-AL**, 2017.

ARRUTI, J. M. A. *A emergência dos "remanescentes": notas para o diálogo entre indígenas e quilombolas*. Mana [online]. 1997, v. 3, n. 2 [Acessado 15 Junho 2021] , pp. 7-38. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0104-93131997000200001>>.

CEPAL. Este documento foi elaborado pela Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (CEPAL), através do Centro Latino-Americano e Caribenho de Demografia (CELADE) - **Divisão de População da CEPAL**. 2017.

COIMBRA JR., C. E. A.; SANTOS, R. V. Saúde, minorias e desigualdade: algumas teias de inter-relações, com ênfase nos povos indígenas no Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 5, n. 1, p. 125-132, 2000.

DUDGEON et al. Aboriginal social, cultural and historical contexts, in Purdie, N. and Dudgeon, P. and Walker, R. (eds), **Working Together: Aboriginal and Torres Strait Islander Mental Health and Wellbeing Principles and Practice**, chapter 1, pp. 1-24. Barton, ACT: Commonwealth of Australia,. 2014.

GARNELO L. *Política de Saúde Indígena no Brasil: notas sobre as tendências atuais do processo de implantação do subsistema de atenção à saúde*. Em: GarneLO L, Pontes AL, organizadores. **Saúde indígena: uma introdução ao tema**. Brasília: MEC-SECADI; 2012. P 18-59. Disponível em: http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/saude_indigena_uma_introducao_tema.pdf Acessado em setembro de 2020.

FERREIRA DA SILVA, D. A dívida impagável: lendo cenas de valor contra a flecha do tempo. São Paulo, **Oficina de Imaginação Política/Living Commons**, 2019.

KRENAK, A. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: **Companhia das Letras**, 2019.

MBEMBE, Achille. . *Necropolítica* . 3. ed. **São Paulo**: n-1 edições, 2018. 80 p.

MENTA, C. *Peuplements: transmission de rituels des indiens Pankararu aux indiens Pankararé, Nordeste du Brésil*; Tese de Doutorado em Anthropologie Sociale - École des hautes études en sciences sociale, 2017.

SANTOS, Ricardo Ventura. Prólogo ao dossiê "Demografia dos povos indígenas no Brasil: abordagens socioantropológicas". **Revista Brasileira de Estudos de População** [online]. 2016, v. 33, n. 2 [Acessado 19 Setembro 2021] , pp. 231-235. Disponível em: <<https://doi.org/10.20947/S0102-30982016a0002>>. ISSN 0102-3098. <https://doi.org/10.20947/S0102-30982016a0002>.

QUIJANO, A. *Colonialidad del Poder, Cultura y Conocimiento en América Latina*. In: **Anuário Mariateguiano**. Lima: **Amatua**, v. 9, n. 9, 1997. v. 33, n. 2, Rio de Janeiro: Rebec, 2016.